

Ser um só corpo: o desafio da Igreja!

Pois, como em um só corpo temos muitos membros e cada um dos nossos membros tem diferente função, assim nós, embora sejamos muitos, formamos um só corpo em Cristo, e cada um de nós é membro um do outro.
Rm 12,4-5

Professamos, no credo niceno-constantinopolitano, a nossa fé na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica. Mesmo sendo una, a Igreja Católica é composta de muitas ordens, comunidades, pastorais e movimentos diferentes, cada qual com espiritualidade, carisma e frentes missionárias distintas. Porém, a convivência intraeclesial nem sempre é tão pacífica e harmoniosa como deveria ser. Infelizmente, quando olhamos mais atentamente, constatamos certos desentendimentos pelos mais variados motivos.

Olhando para trás, temos indícios de que também as primeiras comunidades se viram de frente com esta dificuldade tão presente na Igreja pós-conciliar. Várias vezes vemos o apóstolo Paulo exortar as comunidades pelas quais passou a viverem a unidade (Cf.: Rm 12,4-8; I Cor 12; II Cor 12, 20; Ef 4,1-16; Fl 2,2-5; Cl 2,2). Diante desta questão, tão delicada e de urgente solução, surge para o cristão católico contemporâneo um desafio: como formar unidade em uma Igreja tão plural?

Creio que o caminho seja formado de dois passos, profundamente interligados. Primeiramente, o cristão deve se conscientizar de que a Igreja não é uma instituição meramente humana, não é fruto de seus esforços ou da sua capacidade. A Igreja não é uma ONG – como frequentemente nos recorda o Papa Francisco – nem muito menos um grupo de pessoas caridosas reunidas em prol de um bem comum. A Igreja é o corpo de Cristo! Seu fundamento é o Cristo Ressuscitado e sua missão transcende qualquer iniciativa humana. Portanto, a Igreja é sustentada e orientada pelo próprio Cristo. Tudo provém d'Ele e é Ele quem a guia, providente e misteriosamente, por meio de seu Santo Espírito. Sendo assim, a diversidade é um dom valioso da Igreja, pois é sinal da vivacidade do Espírito que reúne diferentes pessoas como membro de um só corpo e cria constantemente novos ministérios e funções eclesiais para que a boa nova do Evangelho possa ser difundida com fecundidade a todos os povos.

Em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco nos ensina: “As diferenças entre as pessoas e as comunidades por vezes são incômodas, mas o Espírito Santo, que suscita esta diversidade, de tudo pode tirar algo de bom e transformá-lo em dinamismo evangelizador que atua por atração. A diversidade deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só Ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade. Ao invés, quando somos nós que pretendemos a diversidade e nos fechamos em nossos particularismos,

em nossos exclusivismos, provocamos a divisão; e, por outro lado, quando somos nós que queremos construir a unidade com os nossos planos humanos, acabamos por impor a uniformidade, a homologação. Isto não ajuda a missão da Igreja.” (EG,131).

Em segundo lugar, faz-se necessário sempre lembrar que aquilo que nos une é muito maior e bem mais forte do aquilo que nos distingue. Por mais que tenhamos missões distintas, linguagens e métodos evangelizadores diferentes, temos muita coisa em comum, pois uma só é a cabeça de todo o corpo: Cristo Jesus, nosso Senhor.

O Catecismo da Igreja Católica enumera alguns sinais visíveis que nos identificam como membros do mesmo corpo. Assim, ele afirma: “ A unidade da Igreja peregrina é também assegurada por vínculos visíveis de comunhão: profissão de uma única fé recebida dos Apóstolos; a celebração comum do culto divino, sobretudo dos sacramentos; a sucessão apostólica, por meio do Sacramento da Ordem, que mantém a concórdia fraterna da família de Deus.” (CIC 815)

O problema é que, muita das vezes, não tomamos consciência da universalidade da fé da Igreja, que ultrapassa as peculiaridades das pastorais, movimentos ou ordens religiosas. Esquecemos que a nossa ordem, pastoral ou movimento é apenas um dentre muitos membros que compõe o Corpo de Cristo. Logo, ela não é a mais importante, mas igualmente importante, isto é, é tão preciosa quanto todas as demais. Quando colocamos a nossa função como prioridade ou como modelo, perdemos o senso de serviço, pois entramos em uma “espiritualidade egocêntrica” que enxerga tudo somente a partir da ótica do grupo do qual fazemos parte. Na tentativa de padronizar toda a Igreja conforme nossos moldes, acabamos não deixando o Espírito nos conduzir por caminhos sempre novos.

Em síntese, o caminho da unidade da Igreja depende exclusivamente do empenho individual de cada batizado de buscar uma comunhão íntima e vital com Cristo. Somente em plena comunhão com Ele, que é nosso Deus e Senhor, é que somos imbuídos do Santo Espírito. E sem o Espírito Santo, como nos lembra Papa Francisco, não há verdadeira unidade. É o Espírito Santo que alarga as paredes do nosso coração, para amarmos toda a Igreja, e abre nossa visão para enxergarmos-nos como membros importantes, mas cujo valor não é exclusivo. Só o Espírito Santo é capaz de nos impregnar da santa humildade, tão necessária para reconhecermos o valor do nosso papel sem menosprezar a importância dos demais.

Portanto, a unidade intraeclesial só acontecerá quando cada cristão estiver disposto a não querer nada – nenhum cargo, posição, reconhecimento ou prestígio – e a não buscar nada a não ser Deus. Só quando cada cristão for plenamente íntimo de Deus, assim como o Filho é uma só coisa com o Pai, é que testemunharemos, autenticamente, a nossa fé em Cristo, que não só nos congregou, mas fez de nós um só corpo guiado pelo mesmo Espírito.

Felipe Carvalho de Macêdo

06/05/2016